

À BEIRA DA CRISE POLÍTICA

por Mário Soares

As manifestações sucedem-se e mobilizam milhares de trabalhadores e descontentes, que chegam em camionetas, de todos os pontos do País. O descontentamento, nas grandes cidades, é latente. Está a aumentar e cada vez se torna mais agressivo, no plano verbal. Mas, felizmente - é essa a força da Democracia - tudo se tem passado nos termos legais, sem violência. Pode não ser sempre assim. Porque as pessoas cada vez têm menos dinheiro para as necessidades do seu dia-a-dia, a indignação cresce e não sabem, precisamente, de quem é a culpa.

O alvo mais fácil é, obviamente, o primeiro-ministro e o seu Governo. É o que dizem todos os Partidos, à excepção, claro, do Socialista. Mas por que razão, afinal, não o querem derrubar? Porque, como se tem dito, o querem "fritar em lume brando"? Até quando? Nisso não há uma resposta clara, nem esclarecimentos que as pessoas, mesmo as mais conscientes, possam compreender.

Tem sido dito, por economistas, politólogos e comentadores de ocasião que o País está à beira da bancarrota. É certo. Mas há exemplos que nos podem iluminar. A Grécia e a Irlanda. E outros que poderão seguir-se ao chamado "caso português": a Espanha, a Bélgica, a Itália, talvez, mesmo, a França...

Contudo, em Portugal, os Partidos e os Comentadores não parecem querer ver, nem aprender com a realidade europeia: centram tudo no nosso País. E gritam à uma: a culpa é do Sócrates! Então por que razão não o querem deitar abaixo? Será sensato, com o País à beira da bancarrota, lançarmos numa campanha eleitoral que não vai ser nada calma nem cordata? Na melhor das hipóteses, paralisará o País durante pelo menos dois meses. Com a agravante dos conflitos verbais inevitáveis entre os Partidos, atirando as culpas uns contra os outros, sem minimamente se poderem ocupar de como "vencer a crise" e resolver os principais problemas que afligem a sociedade portuguesa.

Não será que - todos - irão ter grandes dificuldades de explicar aos portugueses porquê tanta discussão, sobre as culpabilidades respectivas, sem explicar como se vence o desemprego, o trabalho precário, a pobreza? Não será que tudo isso - para além das culpas e dos erros, de cada Partido - transcende Portugal e tem a ver, sobretudo, com a Europa, a que pertencemos e com o momento tão delicado que o Mundo atravessa?

Por muita estima que mereça Pedro Passos Coelho - e a mim merece - será que alguém pode pensar que se vier a ser primeiro-ministro, pelo voto popular, não terá que vencer as mesmas dificuldades que Sócrates tem combatido, com valentia e persistência?

A crise que vivemos - tão complexa para os Estados que a sofrem - leva-nos a pensar que há rupturas que se impõem e que, na União Europeia, precisamos, como de pão para a boca, de construir um novo paradigma de crescimento. Para não entrarmos numa decadência irremediável. O que seria uma tragédia não só para nós, europeus, como para o Ocidente e mesmo para o equilíbrio instável da política mundial. Os próprios neo-liberais terão de reconhecer isso, como os comunistas, há duas décadas, tiveram de aceitar o colapso da URSS e as suas consequências.

No plano nacional seria conveniente que não entrássemos em crise política, pelo menos até ao fim da semana. Seria uma tragédia para todos os Partidos, mesmo para os que não o tenham compreendido ainda. Como as eleições não podem ser marcadas para já - mesmo que o prazo venha a ser encurtado - não é urgente obrigar Sócrates a demitir-se antes de ir à reunião de 24 do corrente. Para se ver em que param as modas. Será um acto de sensatez.

Lisboa, 24 de Março de 2011